

Carta de Porto Alegre

Nos dias 13 a 18 de março aconteceu em Porto Alegre, Brasil, o terceiro Encontro, organizado pela Comissão Internacional de Justiça, Paz e Ecologia, com o tema: “Fraternidade Evangélica, Justiça Econômica e Combate à Pobreza”.

Durante uma semana, 54 confrades, provenientes dos cinco continentes, se dispuseram a escutar o grito dos pobres no mundo de hoje, partilharam experiências e viram o que já existe, traçaram futuros itinerários de testemunho e de ação, refletidos à luz dos valores inspiradores do nosso carisma e da tradição histórica e profética da nossa Ordem Capuchinha.

Com o Encontro de Porto Alegre quisemos oferecer a todos os confrades uma oportunidade para elaborar uma resposta precisa e comprometida, a uma instância que se fez aos poucos mais premente em nossa Ordem, ou seja, a de conjugar fraternidade evangélica e justiça econômica no momento atual: “Num mundo de competitividade e de luta, onde os sistemas econômicos, militares e tecnológicos que se auto-alimentam marginalizam sempre mais os pobres, nós, como menores e itinerantes, empenhemos-nos numa missão profética, expressando a nossa solidariedade com os pobres e marginalizados, colocando-nos ao seu lado para transformar o mundo segundo o espírito evangélico de fraternidade” (VII CPO, 48).

Depois de semana de escuta, de reflexão e de partilha, os delegados presentes em Porto Alegre quiseram entregar a todos os confrades da Ordem um documento conclusivo: A Carta de Porto Alegre. Com um estilo conciso e essencial, o texto propõe uma vigorosa trama entre o chamado ao exemplo de Francisco e dos primeiros capuchinhos e a

análise crítica do contexto sócio-econômico atual, entre o compromisso profético de muitos irmãos nas várias partes do mundo e o desafio da nossa “economia fraterna” frente aos modelos econômicos geradores de pobreza e marginalização no mundo de hoje.

Os cinco princípios de uma crítica profética aos sistemas atualmente em voga (participação, equidade, transparência, solidariedade e austeridade) e as onze propostas operativas contidas na Carta traçam o caminho a ser percorrido, para passar da análise e da reflexão à ação, para tornar a nossa presença testemunho profético e solidariedade transformadora.

Enviando A Carta de Porto Alegre, confiamos que os superiores maiores e locais, os promotores da Justiça e Paz das várias circunscrições e todos os confrades encarreguem-se da responsabilidade que os delegados de Porto Alegre assumiram, em nome de todos nós, perante o grito dos pobres. Em Porto Alegre se pensou em termos universais (think globally), agora, cabe a cada frade o compromisso de encarnar no seu próprio contexto os valores universais que, juntos, assumimos com renovada consciência (act locally). O primeiro passo na direção justa é favorecer e promover a divulgação do documento nas fraternidades e deixar-se interpelar pessoal e comunitariamente pela urgência de uma resposta a este grito!

Fraternalmente,

Fr. Tewelde Beyene
Diretor do SEJUPE

Roma, 18 de março de 2006

Caros irmãos,

Saudações do Terceiro Encontro organizado pela Comissão Internacional da Ordem para a Justiça, Paz e Ecologia. Depois do Encontro de Adis-Abeba de 2004 sobre *A Fraternidade Evangélica num Mundo Multi-étnico* e o Encontro de Nagahuta, Pematangsiantar, na Indonésia, sobre *O Diálogo Inter-religioso no Contexto do Fundamentalismo*, nós, 54 delegados de todas as Conferências da Ordem, nos reunimos com o Ministro Geral em Porto Alegre, no Brasil, para refletir sobre o tema *A Fraternidade Evangélica, a Justiça Econômica e o Combate à Pobreza*.¹ Estes Encontros são frutos da decisão do Capítulo Geral de 2000 para dar maior impulso aos esforços de justiça e paz como parte integral da nossa vida cristã e franciscano-capuchinha.

Porto Alegre, com os seus Congressos sobre justiça social, tornou-se sinônimo da luta contra a pobreza e da busca de um mundo mais justo. Esperamos que o nome desta bonita cidade, no Estado do Rio Grande do Sul, possa tornar-se para o mundo capuchinho um símbolo do nosso compromisso fraterno com os pobres. Recordamos como, nesta mesma Província

Capuchinha, em Garibaldi, em 1986, realizou-se o V CPO para refletir sobre o tema da *Nossa presença profética no mundo*.

Em nosso Encontro pudemos ouvir exemplos de testemunhos dados por vários confrades que hoje vivem e trabalham com os pobres em diversas partes do mundo. Por exemplo, existe uma fraternidade dos nossos frades na Vice-Província da América Central Norte, situada num povoado indígena da tribo Lencas, em Honduras e partilha com os nativos a pobreza e as lutas contra a injustiça. Em 2004, um daqueles frades, Emilio Gavarrete, falou diante das Nações Unidas, junto ao *Franciscans International*, mostrando a opressão por parte do governo sobre os Lencas e defendendo os seus direitos. Visitamos algumas obras dos capuchinhos da Província do Rio Grande do Sul: uma cooperativa de homens e mulheres, que estão organizados para viver com os catadores de lixo; depois, uma pequena empresa de confecções, organizada e administrada por senhoras pobres; e uma residência de camponeses, que pedem a reforma agrária e uma agricultura ecológica. Todos estes trabalhos foram para nós uma demonstração da possibilidade de um compromisso eficaz para

¹ Encontro realizado nos dias 13 a 18 de março de 2006.

superar a pobreza extrema e viver em solidariedade com os outros e com a criação.

Nós, caros irmãos, consideramos estes exemplos como representação do esforço de vocês em todo o mundo. Tais projetos exigem que os frades sacrifiquem suas comodidades e suas posições de privilégio e aceitem a vulnerabilidade dos pobres. Eles são o rosto da Ordem visível aos pobres e aos pequenos deste mundo. Os compromissos e os testemunhos de vocês são essenciais à vida e à espiritualidade da Ordem. Obrigado! As várias conferências que ouvimos e os debates que fizemos durante esta semana levaram-nos a constatar a urgente necessidade de continuar a falar e a agir contra a crescente pobreza e a crescente distância que existe entre os ricos e os pobres. Compreendemos



600 milhões de crianças em todo o mundo vivem em absoluta pobreza e cerca de 115 milhões delas jamais vão à escola

melhor como nem o sistema econômico socialista, nem o sistema econômico neoliberal capitalista foram capazes de reduzir de modo significativo as formas extremas de pobreza existentes no mundo. Os *Relatórios da ONU de 2005 sobre o desenvolvimento humano*, publicados em setembro de 2005, declararam que “a pobreza mata em cada hora 1200 crianças” e mostrou como a desigualdade entre ricos e pobres no mundo continua a aumentar de modo que “as 500 pessoas mais ricas do mundo ganham juntas mais do que as 416 milhões de pessoas mais pobres”.² Observamos que quase a metade (2,8 bilhões) dos 6 bilhões de pessoas no mundo vivem com menos de 2 dólares por dia, nível internacional da pobreza extrema. Quase 20%, ou seja, 1,2 bilhão, vivem com menos de 1 dólar por dia. Mais de 600 milhões de crianças em todo o mundo vivem em absoluta pobreza e cerca de 115 milhões delas jamais vão à escola. Para as nações da África e as outras nações pobres do mundo, pagar os juros da dívida externa os priva atualmente dos recursos que precisam para as necessidades básicas: alimento, saúde e educação.

Enquanto o socialismo como sistema econômico é quase totalmente arruinado, o sistema neoliberal, com o seu conceito de livre mercado, estendeu a sua “globalização” em todo o mundo. É um sistema que gera muita riqueza, mas que concentra e retém esta riqueza nas mãos de pouquíssimas pessoas. Acreditamos que o problema da pobreza no mundo não é devido à escassez dos recursos. O mundo possui bens suficientes para satisfazer as necessidades de cada pessoa, seja homem, mulher ou criança. No entanto, enquanto os ricos se tornam mais ricos, centenas de milhões de pessoas estão sistematicamente excluídas da participação destes

² *The 2005 Human Development Report*, publicado dia 7 de setembro de 2005, encontra-se no site www.hdr.undp.org/report/global/2005

bens. Elas, juntas ao pobre Lázaro do Evangelho, estão nas portas dos centros comerciais, nos condomínios residenciais e também nas portas dos nossos conventos e esperam que as migalhas caiam da mesa abundante.

Esta realidade não só divide o mundo em países desenvolvidos e subdesenvolvidos, mas exatamente do mesmo modo, está agora dividindo os países internamente. Atualmente também as nações ricas têm fenômenos de uma permanente subclasse. Hoje a pobreza, com todas as suas privações na educação, na saúde, na representação política, na participação cultural e no ambiente, etc., é uma pobreza sistemática, à qual é difícil encarar e mudar.

Nós mesmos, muitas vezes, temos perdido a sensibilidade com as trágicas proporções da pobreza. Fomos insensivelmente induzidos a crer que tal situação seja inevitável. Também nós temos caído num profundo individualismo e nos isolamos, seja uns dos outros nas fraternidades, seja com os pobres do mundo. Mas, ao mesmo tempo, vemos também sinais de esperança, não só em nossos confrades capuchinhos, mas também em muitas pessoas comprometidas, em agências sociais, em cristãos atuantes e em grupos religiosos que continuam a trabalhar por uma sociedade global mais justa.

Nós pensamos ter em nossas mãos, no carisma capuchinho, uma chave importante que abre a porta rumo a este futuro. Durante os últimos dez anos a Ordem elaborou uma estrutura econômica alternativa, que denominamos “economia fraterna”. Esta economia se opõe à “economia de mercado” porque tem como meta final não a riqueza mas as relações humanas. Uma economia que tem como estímulo o mercado, onde a concorrência e a vantagem econômica são as motivações essenciais, necessariamente cria vencedores e vencidos e assim, freqüentemente sacrifica a honestidade e a justiça em função do lucro. Na economia de mercado a segurança busca resposta na riqueza e acentua o isolamento das outras pessoas. A economia fraterna, ao contrário, considera os nossos irmãos e irmãs como os nossos maiores e grandes tesouros e a nossa última segurança. Ela cria relações redimidas com Deus, entre os seres humanos e com toda a criação, um mundo que sofre por causa da exploração que não tem fim.

A economia fraterna não é uma economia de paternalismo, de trabalho social ou de caridade desinteressada, mas é de solidariedade com os nossos irmãos e irmãs, que segue o modelo da encarnação. Jesus não se esvaziou de si mesmo de maneira filantrópica (Fl 2, 6-11). Ele esvaziou-se de si mesmo para partilhar a nossa condição e para enriquecer-nos com a sua pobreza. Assim, a nossa economia fraterna capuchinha é, em última análise, uma espiritualidade de solidariedade, que nos permite ver juntos, ao mesmo tempo, o nosso Deus e os nosso irmãos e nossas irmãs. Os frutos desta contemplação são a união com a família humana e a confiança de estar em companhia de Deus.

A economia fraterna inicia com o reconhecimento do que está expresso no VI CPO, 6, ou seja, que Francisco não fez uma opção contrária ao dinheiro enquanto tal, mas contrária às conseqüências da

economia monetária que cria avidez e inveja e desencadeia violência e destruição nas relações das pessoas com Deus e entre elas mesmas.

No seu *Testamento*, Francisco diz que o seu “caminho de penitência” teve início no encontro com o leproso, num abraço que superou as normas exclusivas e excludentes da sociedade (Test 1-4). Na *Legenda dos Três Companheiros* (35, 5-10), Francisco explica ao bispo de Assis que a sua renúncia aos bens materiais não era em relação primariamente com a penitência e a ascese. Ou melhor, Francisco renunciava às posses materiais para não ser obrigado a defendê-las com suas armas e assim destruir as relações pacíficas com homens e mulheres. Portanto, a austeridade da vida franciscana era proveniente da consequência de uma opção radical de viver em relação com todos e de recriar os vínculos de comunhão entre as pessoas e com Deus. Então, a austeridade torna-se para os frades um sinal de credibilidade e proteção do vírus da avidez.

Vista assim, a “economia fraterna” é uma nova forma de relacionar-se com o mundo e, ao mesmo tempo, um anúncio profético. É muito mais do que um simples sistema de contabilidade ou de uma fraterna partilha dos recursos da casa. Os seus cinco princípios constituem uma crítica profética ao sistema corrente, ao qual muitos de nós temos aceitado como único sistema possível:

1. A **participação** garante a todos os interessados a participarem das decisões significativas a serem tomadas. Este é um elemento importante contra a manipulação e o segredo das informações.
2. A **equidade** não exige que cada um tenha as mesmas coisas, mas que tenha o direito àquilo que é necessário a uma vida digna. É uma forma de se reconhecer as diferenças pessoais e culturais. É a recusa de se avaliar as pessoas com a medida daquilo que elas possuem.
3. A **transparência** garante a honestidade, a responsabilidade e os critérios éticos nas transações. Constitui uma forte crítica à corrupção, à desonestidade e à manipulação nos vários níveis da sociedade.
4. A **solidariedade** critica e se contrapõe à vontade de lucro que concentra a riqueza nas mãos de poucos e age como motor da “economia de mercado”. A solidariedade se baseia na experiência de São Francisco: aquilo que possuímos vem de Deus e o que verdadeiramente nos pertence são nossos vícios e pecados. (Rnb 17,7e 17)
5. A **austeridade** não é exatamente só a opção pessoal de um estilo de vida simples, mas é também uma opção comunitária contra tudo o que destrói as relações com Deus e com os nossos irmãos e irmãs. É um valor fraterno fundamental, que preserva os outros valores da vida franciscana. É uma maneira de rejeitar um sistema que funciona criando sempre mais necessidades para vender mais. Sem a “auto limitação” da austeridade, a solidariedade se torna objeto de ofensa e de destruição.

A reforma capuchinha foi, nas suas origens, a vontade de retornar à contemplação. No entanto, a peste na região de Camerino impulsionou os frades a saírem da clausura dos seus eremitérios para servir os doentes em suas

necessidades. Esta disponibilidade em servir garantiu-lhes a estima do povo e ajudou a Ordem a continuar vivendo, não obstante tantos problemas. O que foi o leproso para Francisco no seu tempo e o que foram os empestados para os primeiros capuchinhos, são os pobres para nós, hoje: irmãos e irmãs no caminho da conversão e recíprocos evangelizadores de uma nova economia fraterna.

O cuidado dos primeiros capuchinhos para com os doentes foi um específico ato de caridade. Todavia, unido à austeridade de suas vidas, ela proclamava um importante valor da economia fraterna: que sair do isolamento para a solidariedade é algo fundamental para a redenção do mundo. O nosso encontro com os leprosos e doentes nos enriquece como enriquece os pobres e o mundo inteiro.

A nossa história capuchinha nos mostra exemplos de como os frades constantemente renovaram a criatividade indo ao encontro dos necessitados e excluídos do seu tempo: o primeiro grupo de bombeiros em Paris foi formado pelos capuchinhos; Solanus Casey em Detroit, Leopoldo de Alpandei em Granada e Cecilio em Viale Piave deram de comer aos famintos. Hoje, nossos confrades nos estão dando novos exemplos, como os da Índia, que trabalham com os *Dalit* (marginalizados) e os africanos, que trabalham com os refugiados e os migrantes devido a tantas guerras existentes naquele continente. Vemos outros exemplos na América Latina, onde alguns frades trabalham com os indígenas e na Europa, tanto do leste como do oeste, os frades atendem milhares de imigrantes e sem teto nas ruas das cidades.



Não temos muito dinheiro. O que mais me ajuda é a solidariedade que existe entre nós, quando nos ajudamos uns aos outros

Hoje, muitos dos nossos frades em todo o mundo vivem na “periferia” (VII CPO, 3) próximos aos pobres. Devemos somente abrir nossas portas aos irmãos e irmãs pobres para acolhê-los entre nós ou para servi-los. Alguns dos nossos frades abrem a porta não somente para servir os pobres mas também para viver e partilhar suas vidas e condições sociais com eles (I, V, VI e VII CPOs). Esta inserção entre os pobres é necessária para a nossa identidade e espiritualidade capuchinha.

As características de nossa Ordem – contemplação, austeridade e atenção aos necessitados – serviram para criar e continuam criando relações redimidas. Emmanuel Levinas diz: “As necessidades materiais de um irmão são minhas necessidades espirituais”.³ Este modo de pensar não significa que nós ganharemos

3 Emmanuel Levinas, *Nine Talmudic Readings*, 3 Bloomington, Indiana University Press, 1999, p. 99.

o paraíso com as nossas obras de caridade. Antes, nós faz compreender que o encontro com os pobres purifica a imagem que temos de Deus, enquanto a contemplação purifica as nossas intenções e orienta nosso caminho evangélico. A austeridade, junto a outros valores da economia fraterna, é a base sobre a qual se pode trabalhar para a globalização da solidariedade.

Caros irmãos, desejamos propor algumas atividades concretas que nos ajudem a enfrentar o problema da pobreza econômica, como fraternidade evangélica:

1. Examinar e mudar a economia existente em nossas comunidades, nas nossas circunscrições e em nossa Ordem, seguindo os princípios da “economia fraterna”, não somente como forma de contabilidade, mas também como alternativa econômica de grande poder profético.
2. Estudar e conhecer a situação econômica da população muito numerosa do nosso planeta, atualmente excluída dos bens da terra. Devemos exortar nossos irmãos a ir além das interpretações distorcidas da *media* sobre a inevitabilidade da pobreza e da supremacia da motivação do lucro.
3. Conhecer mais a fundo e aplicar a doutrina social da Igreja e dos documentos da Ordem sobre este tema da economia fraterna, de modo a promover a justiça econômica em todos os nossos empenhos.
4. Ler e reler os documentos do V, VI e VII CPOs à luz da “teologia de comunhão”.
5. Assegurar-se de que os nossos projetos de solidariedade sejam projetos comunitários de toda a fraternidade, local e provincial e avaliar continuamente as dinâmicas da ação social que desenvolvemos.
6. Conhecer, ajudar e utilizar *Franciscans International* como meio privilegiado da Família Franciscana às Nações Unidas para a transformação social e uma integral evangelização.
7. Continuar a nossa solidariedade especial com o “Grito dos pobres”, apresentado pelos nossos confrades africanos ao Capítulo Geral de 2000, nos seus três níveis: guerra, AIDS e dívida externa.
8. Reforçar a nossa formação inicial e permanente com estes temas (especialmente o da economia fraterna), oferecendo seminários, experiências e cursos e, incentivando os homens de cultura da Ordem a escrever sobre estes assuntos.

9. Aplicar os princípios da economia fraterna em nossos compromissos e, de modo especial, quando trabalhamos com os pobres, para que adquiram força.
10. Apoiar e proteger as presenças de inserção como lugares privilegiados para encontrar Cristo pobre e crucificado (cf. VII CPO, 3) e buscar apoio internacional na Ordem quando estas presenças estão em perigo.
11. Reforçar a comissão do SEJUPE nas circunscrições da Ordem e participar nas redes de informação e organizações de ação para sustentar a justiça, a paz e a ecologia.

Caros irmãos, ao final destes dias vividos juntos, queremos exprimir a nossa apreciação e incentivo para com o trabalho realizado pela Ordem nestes dois últimos sexênios. Estamos convencidos de ter encontrado nova segurança e nova fundamentação para a esperança: não na concorrência com a economia global, mas na solidariedade da economia fraterna. Esta descoberta nos foi confirmada por uma senhora pobre que encontramos numa cooperativa de reciclagem de lixo, em Porto Alegre. Aqui os operários, ajudados por um nosso frade, recebem um salário mínimo de quatro dólares por dia. Esta mãe, com tantos filhos pequenos, nos disse: “Não temos muito dinheiro. O que mais me ajuda é a solidariedade que existe entre nós, quando nos ajudamos uns aos outros”. Esta cooperativa vive a economia fraterna! Estamos convencidos de que a mensagem da nossa fraternidade evangélica para os pobres em nível econômico consiste não naquilo que temos ou naquilo que gastamos. O nosso testemunho consiste especialmente no nosso modo de viver e de servir. Somos chamados a globalizar a solidariedade, pois “o fruto da solidariedade é a paz”.⁴

Os Delegados ao Encontro
Internacional da Ordem Capuchinha
sobre Fraternidade Evangélica, a Justiça
Econômica e o Combate à Pobreza.

Porto Alegre, Brasil
18 de março de 2006

4 João Paulo II, *Sollicitudo rei socialis*, 39: “O lema do Pontificado do meu venerado predecessor Pio XII era *Opus iustitiae pax*, a paz é fruto da justiça. Hoje poder-se-ia dizer, com a mesma exatidão e força de inspiração bíblica (cf. *Is* 32, 17; *Gc* 3, 18): *Opus solidaritatis pax*, a paz como fruto da solidariedade”.

